



# O INEFÁVEL DAS QUATRO ESTAÇÕES

Texto: Larissa Maltz  
Poemas: Ivo Clarão e Bia  
Fotografia: Pedro Cavalcante





Me lembro de você naquela estação. Um trem passando pelo centro da cidade. Aquela árvore que esticava os braços até encostar na janela. Árvore curiosa, calada, dizia tudo sobre o tempo, cada estação, o vento, a chuva, o sol, as flores, as não flores no chão. O trem seguia. Sempre. Passava pelas estações. Até virar metrô.

## *Estação*

### *Naquela estação*

- Não sei se era outono ou inverno -  
o intransponível espaço entre as linhas cruzava os gestos,  
limitava o toque, dispensava palavras.

### *Naquela estação*

- Não sei se era Vergueiro ou Largo do Machado -  
cada um partiu em uma direção, vitrificando a imagem,  
congelando o tempo  
Mas na memória,  
aquele imprevisível movimento de levantar a blusa,  
sua barriga a mostra, despertou todas as emoções hibernadas,  
colorindo minha imaginação, esquentando a estação.



Quando o outono chegou trouxe o samba. As folhas caíam pra dançar antes do chão. Suaves. E depois, esparramadas pela terra, já não eram mais folhas, eram memórias de folhas e ensinavam o silêncio indizível da plenitude. Você atravessou a estação de metrô em uma bicicleta. Folhas grudadas nas rodas. Levava seu caderno, dentro dele folhas soltas. Poemas. No guidom da bicicleta tinha preso um ventilador. Você brincava com o vento. Se emocionava. Tentava falar. Mas não existe voz mais forte que aquele vento fazendo imagem. Vento nos cabelos, na boca. Os olhos se fecharam e nesse piscar de olhos, por distração, você caiu no chão, junto com as folhas. O vento levou pra longe todos os papéis guardados no caderno. Espalhou os textos em câmara lenta.





## Outono

*A luminosidade do dia é ampla e dura pouco  
Porque beleza desse porte  
Não pode ser banal, onipresente  
Pelo contrário, essa luz seduz  
Embriaga a íris  
E quando você deixa escapar o sorriso nos olhos  
Já chegou o crepúsculo, já é despedida  
Nos dias de outono  
Fujo às quatro para um café  
com cheiro de luz e lembrança de você  
Os dias aqui são pura luz de outono  
Festa da fotografia mesmo sem máquinas  
Não sei em que ponto da galáxia  
a Terra faz pose  
Pra entregar essa graça  
Pra se mostrar a quem fotografa  
Os cães nas ruas, os pombos nas praças  
Tudo que é bicho gosta  
De sentir os aromas que vêm na brisa  
E espreguiçar-se nas tardes  
Já não há mais o rigor da temperatura  
Já não arde o pé onde pisa  
O frescor invade as almas e tranqüiliza  
As ninfetas que surtaram no verão*



A chuva fez som de flautas indígenas, e tudo virou segredo. Eu ainda o vi pelo vidro. Vi você caindo nas folhas. Acho que você me viu também. O metrô me levava pra longe. Cumplicidade. Vontade de falar. Impossibilidade de falar. Seria urgente falar, se tudo não fosse um segredo. Um grande segredo. Um minúsculo segredo. Qualquer coisa emergente no coração gostaria de saltar para fora d'água, como um peixe. Mas uma força ou uma situação infinitamente maior que nós impossibilitou a voz.



Era um metrô de superfície. Dentro do vagão, com a janela aberta, pude sentir a chuva no rosto. Fechei os olhos. Abri a boca. Experimentei o vento. Meu rosto disforme de vento. Meus cabelos molhados de chuva. “Teria um secador por ali? Preciso de cabelos secos.” Pensei por um segundo. E nesse segundo um cisco no olho e eu fechei a janela.

Uma das folhas do seu caderno, que voava no vento, ficou grudada na minha janela. A água da chuva molhou o papel. O texto ficou virado pra dentro. Que bom! Com dificuldade em um dos olhos, por causa do cisco, pude ler seu texto, mas a letra no papel... Aquela letra era minha.



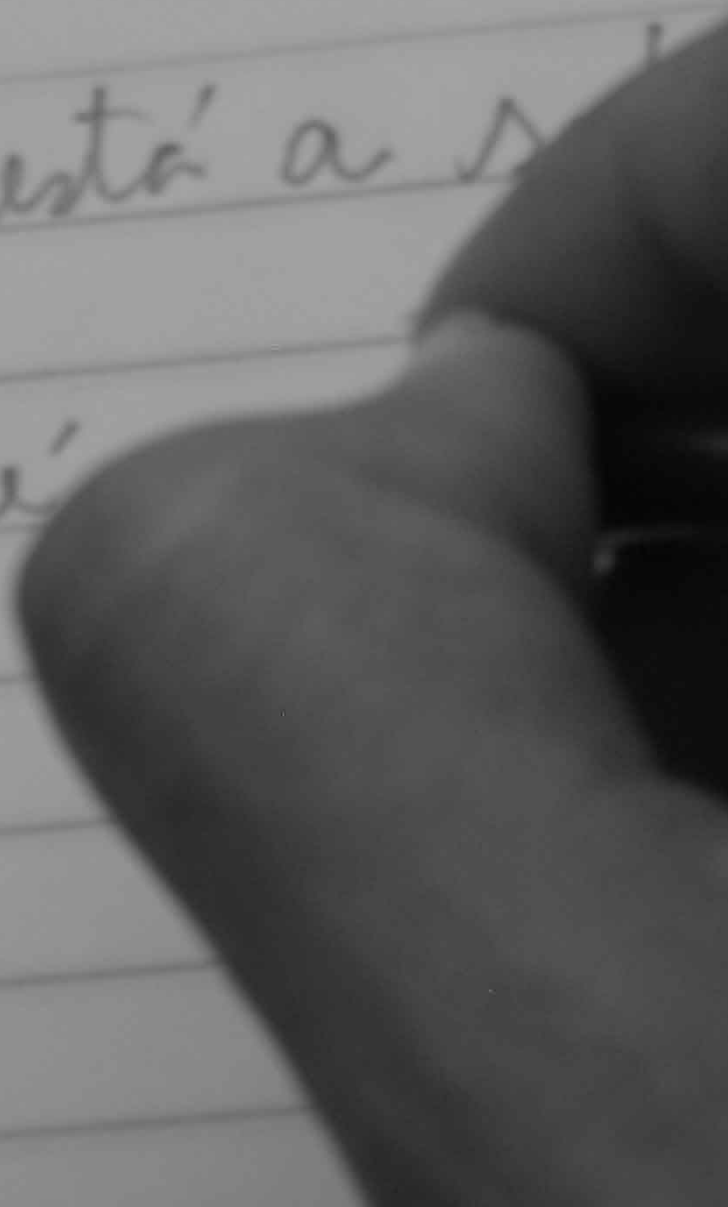
cu...

adi vou? cade

lu?

nde está a s

nde i'





## *Arritmia*

*Inevitável essa arritmia.  
as vezes acordo sem palavras.  
sonâmbula.  
reinterpreto o inverno.  
chega pra mim, de manhã,  
a nítida impressão de que não devo mais te ver.  
pelo menos não dessa forma.  
ficaria no sonho.  
no café.  
naquela esquina.  
nos meninos de rua.  
mas  
meu coração sabe agora o gosto de estar perto demais do seu.  
de se inundar  
cada vez que o vento traz notícias de fim de tarde.*





Foi o tempo exato da leitura, o vento levou o texto e o metrô já chegava na outra estação. Parece que te vi caindo de bicicleta. Déjà-vu? O metrô não parou. Seguiu. Foi estranho. O tempo fugiu da lógica. Seguiu. Foi estranho. Nos olhamos. Olhares cruzados. Com certeza você me viu. Absoluta certeza. Primavera, Folia de Reis. Nosso segredo compartilhado. Alegria. Confusão de pensamentos. Eu apenas soube sentir. Pude sentir. Tive que sentir. Senti. Todas as emoções quase ao mesmo tempo. Não saberia como expressar. Inefável. Mais uma vez o silêncio, mas agora era devido à incapacidade de codificar os sentimentos. Inúmeros. Em alguns momentos, angústia. Em outros momentos, conformação. A água da chuva parece que caía toda dentro do vagão. Acho mesmo que foi uma inundação. Eu estava num aquário, em silêncio, como um peixe. Mas eu sabia que aquele era um segredo nosso. Com certeza você me viu. Mas a inundação, a angústia, era por não poder compartilhar tudo aquilo com o universo. Ou seria ele, o próprio universo, o criador daquela estação.





Você chegou na estação seguinte antes do trem. Antes de mim e de todo mundo. Antes do tempo. Carregava um pacote. Um presente? Uma caixa. Um segredo. A memória. A memória da cabeça de todas as mulheres e de todas as meninas e também de você mesma quando caiu de bicicleta, desacordada, na estação, à 15 mil anos, ou minutos antes. Você escondia o pacote. Sorriu. Estava nervosa. Respirava nervosa. Ninguém na estação, mas todos os olhos espreitavam dentro da sua cabeça. Você sorriu novamente. Lembrou-se de coisas suaves. Lembrou-se do nosso beijo. O beijo mais delicioso do mundo. Lembrou-se do tempo das flores. Lembrou-se que a sua vida era só sua. Que a caixa era sua. O seu presente era só seu. Enquanto isso eu seguia em sua direção, sabia que te encontraria na próxima estação.











## *Segredo de Teclado*

*Primeiro um medo terrível de ser descoberto.  
Nenhum espaço seria totalmente seguro  
Há que se ter cuidado  
Existe jeito de gravar tudo o que foi digitado no telhado,  
um programa  
Espionagem acessível pra qualquer um  
Nem mesmo a montanha nublada onde a neblina vem beijar o pé  
da serra e esconder inúmeros segredos...*

*E o caos se instala,  
Entre o escuro e o medo*

*Depois vem a busca por um limite qualquer  
Uma definição.  
Até onde se pode seguir?  
Até onde é permitido ver?  
Quanto é possível ter sem ultrapassar a fronteira?  
Os bicos do peito não, só toda sua volta redonda, dando voltas,  
até chegar finalmente ao não, ao centro.  
O beijo, pode?  
E um poema? Uma prosa? De que tamanho? Linhas, páginas?  
Qual texto será censurado?*

*Qual parte do amor é pecado?  
Quantas vezes cada mortal pode visitar o outro lado?*

*E o caos se instala novamente,  
Entre o certo e o duvidoso.  
Entre o muro e a vontade  
Mas acho que aqui é seguro  
Melhor excluir os excluídos e apagar dos enviados  
tudo o que não pode ser visto  
Trocar a senha*

Num lugar seguro você colocou o embrulho no chão. Abriu o pacote. Dentro dele, um cenário minúsculo. Uma caverna. Pedra. Passarinho. A árvore curiosa e o trem. Pedacinhos de papel enrolados. Segredos. Você abriu um dos papéis. Um texto escrito em letras minúsculas. Seriam minhas ou suas?







*Galeão*

*Mas acho que aqui é seguro  
Melhor excluir os excluídos  
e apagar dos enviados  
tudo o que não pode ser visto  
Trocar a senha  
Daqui  
qualquer lugar será fácil de chegar  
Será incrível*

*Será seguro?*

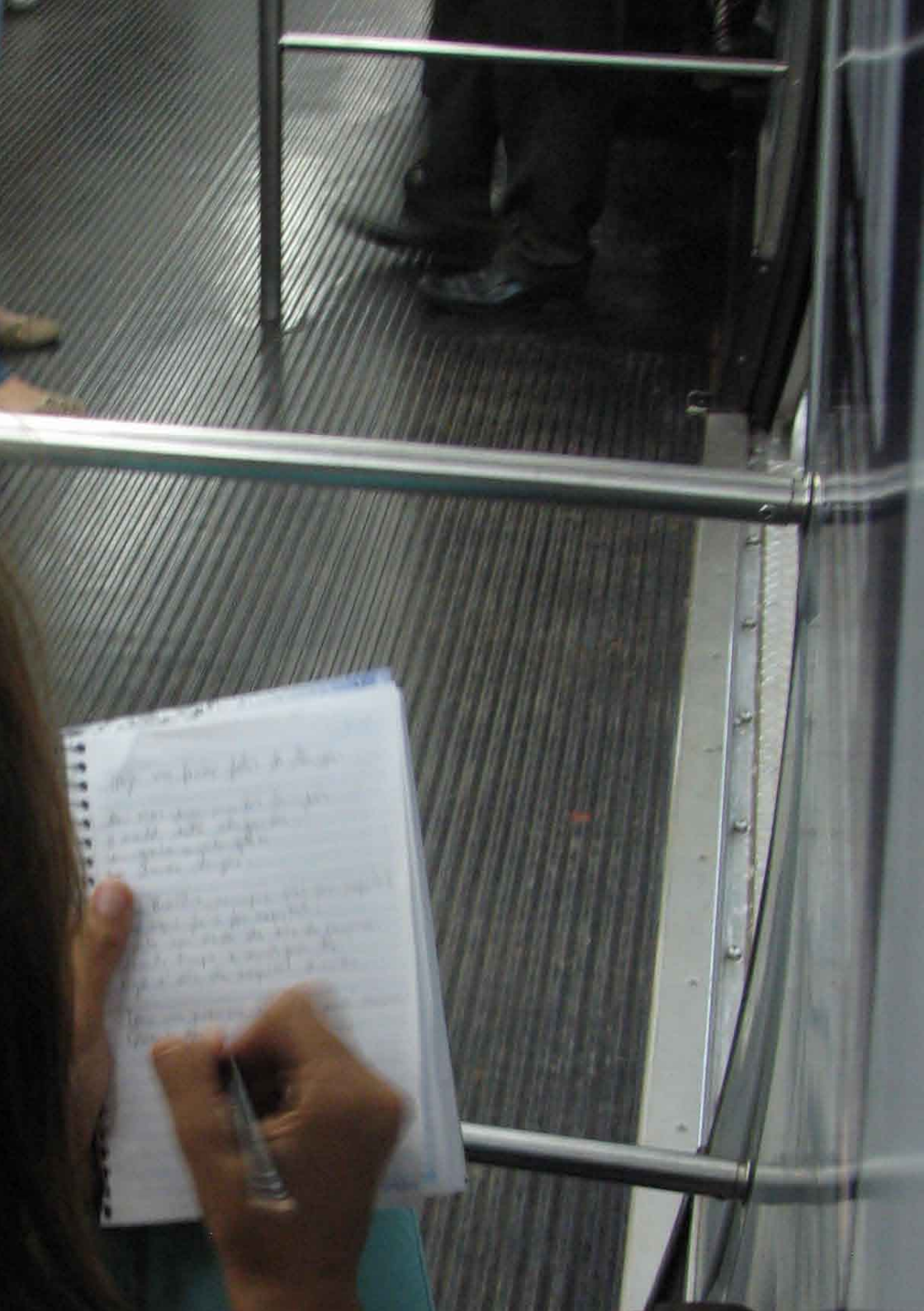
*Não.*

*Apague essa mensagem  
porque nela vou dizer  
que quero sua boca  
Sorriso, nuca, cheiro  
Cabelos nos dedos  
sussurro,  
o brilho dos olhos, da pele  
o doce do sexo  
na língua, o beijo  
palavras no ouvido  
Relógios parados  
o umbigo no centro  
o pau melado  
e ainda dentro  
Os peitos colados  
Os corações batendo*

Você amassou o papel, estava nervosa, não sabia o que fazer com ele. Colocou de volta no mesmo lugar. Na caverna. Escondeu. Olhou para os lados. Pegou um outro papel. Abriu.

O metrô finalmente chegava na estação. Ele parou, mas não abriu suas portas. Você tentava esconder seu presente. Todas as pessoas de dentro do vagão observavam você pela janela. Olhares amassados de vidro e curiosidade, como olhos de peixe.





My first job was to be a

teacher. I was very happy  
to work with children and  
to help them learn.

I was a teacher for many years  
and I loved it. I was very  
happy to work with children and  
to help them learn.

I was a teacher for many years  
and I loved it. I was very  
happy to work with children and  
to help them learn.

Você amassou o papel aberto. Colocou o papel na boca. O metrô não abriu as portas e seguiu viagem. A chuva agora era de dentro pra fora. Suor. Verão. Bumba meu boi. Pandeirão. Zabumba. Cumplicidade. Não seria necessário falar. Tudo já estava dito. A impressão de que você sabia tudo o que eu teria para lhe dizer. Plenitude. Tudo estava completo. Silêncio. Coexistência.



E quando o metrô foi embora apenas eu fiquei do outro lado da estação. Direções opostas. Olhamos-nos pela primeira vez como se nos conhecêssemos. Sorri do outro lado da estação. Você me mostrou o papel entre os dentes. Nós sabíamos o que estava escrito nele.







## Coexistência

*Antes mesmo de o dia nascer  
pela primeira vez  
eu e ele fizemos um pacto  
um fio invisível, inadmissível  
nos ligaria em pensamentos  
E teríamos janelas nos olhos  
e pretextos fabulosos,  
viveríamos em lugares distantes  
seguiríamos caminhos diversos  
para que pudéssemos  
aproveitar melhor a existência  
Uma única vida, dois corpos  
E cada um de nós se subdividiu  
em outros amores  
multiplicamo-nos em olhos  
semelhantes  
E nossos olhares abriram janelas  
e pudemos nos espalhar pelo mundo,  
em ângulos,  
pontos de vista  
invisivelmente ligados  
amei suas mulheres  
e os homens delas  
experimentei estar e fugir  
admiti contradições  
coexisti línguas diversas  
estações indefinidas  
até encontrá-lo  
e beija-lo novamente por acaso,  
sem palavras  
exausta, plena  
suave e suada  
como depois de um parto  
molenga, entregue, eterna.*



Subimos as escadas. Cada um de um lado da estação. Escadas que se encontrariam na saída, no centro. Seguimos um em direção ao outro. Alguns obstáculos. Outras pessoas. Quase nos perdemos. Buscamos-nos. A roleta. A saída. A placa indica a saída. Alguns papéis caíram de suas mãos. Algumas folhas caíram dos meus cabelos molhados. Titubeei. “Quanto vale esses papeis caído no chão?” Não pude pegá-los de volta... Segui.

Do outro lado você também se apressava. Confundi meu rosto com o de outros rapazes. Buscávamos nossos olhos nos olhos de outros. Por momentos nos perdemos. Voltamos. Novamente a placa de saída. Saímos da estação. Claridade da rua. Eu vi um cartaz colado na parede. Você também viu o cartaz. No cartaz uma foto de café na xícara e um texto.

Café forte.

Você se lembra?



*Café da estação.*

*Delicioso café da estação*

*Beijinhos em papel de seda e outras guloseimas.*

*Enroladinhos à vontade.*

*Fim de tarde.*

*Serve-se ainda uma espécie de drinque em gotas,  
entre suor e saliva.*

*Os casacos podem ser deixados desde a porta de entrada.*

*Todos os casacos. Muitas roupas.*

*Uma infinidade de panos e panos.*

*Música tocada a quatro mãos*

*e corações confundidos marcando o ritmo.*

*Tudo tons marrom café.*

*Café forte servido nas quatro estações.*



Nossos olhares no momento exato. Tudo em volta parou congelado. Todas as pessoas ficaram imóveis. Inclusive os prefeitos e os guardadores de carro e também o caixa do supermercado. Apenas nós podíamos andar livres. Poderíamos estar nus na rua. Seguíamos um em direção ao outro. Tocamo-nos. Nunca mais perderia você. Eu já não sabia qual dos dois corações batia no peito.



## *15 mil anos*

*Disse assim  
Que os olhares abririam janelas  
que os pontos de vista  
admitiriam contradições  
E os amores amados pelo caminho  
Fariam multiplicar  
A beleza daquelas linhas escritas  
Era o que ela traduzia para ele  
E acertava em cheio a sua tradução  
Era esse o motivo da felicidade  
Ela sabia o que ele sabia  
sobre coexistência  
Porque estavam  
invisivelmente conectados  
Ligados por um fio de 15 mil anos  
Que no verão  
traz nossos corpos mais perto  
Para fechar os olhos e beijar*



